



ARCANJOS – ANJOS – DEMÔNIOS

INTRODUÇÃO

Na leitura dos livros dos Macabeus encontramos diversas intervenções extraordinárias em favor do povo de Deus. Em 2Macabeus 10, diante do exército de Timóteo, Judas Macabeu e seus companheiros recorreram à oração, cobrindo a cabeça com terra e vestindo cilício em sinal de penitência. Durante a batalha, apareceram cavaleiros resplandecentes vindos do céu, que protegiam os judeus e os conduziam à vitória. Em outra ocasião, quando Lísias avançou contra Jerusalém com um poderoso exército, os combatentes viram um homem montado em um cavalo, vestido de branco, portando armas de ouro e brandindo uma lança diante deles. A visão encheu os judeus de coragem e confiança (cf. 2Mc 11,8).

A tradição cristã sempre viu nesses relatos um sinal concreto da assistência divina em favor daqueles que permanecem fiéis à Aliança. Alguns intérpretes identificam essa misteriosa figura celestial com o Arcanjo Miguel, apresentado na Escritura como protetor do povo de Deus (cf. Dn 12,1). Independentemente da identificação exata, esses episódios revelam uma convicção profundamente bíblica: Deus

governa a história não apenas por meio de acontecimentos visíveis, mas também através da ação de seus mensageiros celestes.

Essas passagens nos oferecem uma excelente oportunidade para aprofundar um tema recorrente em toda a Sagrada Escritura: a existência e a missão dos anjos. Ao professarmos o Credo, afirmamos que Deus é o Criador de todas as coisas "visíveis e invisíveis". Com essa profissão de fé, reconhecemos que a criação não se limita ao universo material que podemos perceber com os sentidos. Deus criou também uma realidade espiritual, invisível aos nossos olhos, mas igualmente real. Entre essas criaturas espirituais encontram-se os anjos.

A existência dos anjos não é fruto da imaginação humana nem uma simples linguagem simbólica utilizada pela Bíblia. Trata-se de uma verdade de fé testemunhada pela Sagrada Escritura, transmitida pela Tradição da Igreja e confirmada pelo Magistério. Contudo, é importante recordar que os anjos não ocupam o centro da Revelação. O centro da Revelação é Jesus Cristo. Os anjos existem para glorificar a Deus e colaborar com seu plano de salvação, servindo ao Senhor e auxiliando aqueles que são chamados à vida eterna (cf. Hb 1,14).

Por isso, estudar os anjos não significa satisfazer curiosidades sobre o mundo invisível, mas compreender melhor a ação providente de Deus na história e reconhecer que, em todos os tempos, o Senhor continua acompanhando e protegendo o seu povo.

1. QUEM SÃO OS ANJOS?

A palavra "anjo" significa mensageiro. Santo Agostinho explicava que "anjo" é o nome da missão, não da natureza. Sua natureza é espiritual; são chamados anjos quando são enviados por Deus para cumprir uma tarefa.

Os anjos são criaturas de Deus. Não são deuses, não são eternos e não existem por si mesmos. Foram criados por Deus antes da criação do homem e dependem inteiramente dele. Como ensina o Catecismo da Igreja Católica, os anjos são criaturas puramente espirituais, dotadas de inteligência e vontade, pessoais e imortais.

Por serem espíritos puros, os anjos não possuem corpo como nós. Quando aparecem visivelmente na Bíblia, assumem formas sensíveis

apenas para cumprir uma missão específica. Não envelhecem, não adoecem e não morrem. Sua existência manifesta a riqueza da criação divina e recorda que a realidade é muito mais ampla do que aquilo que os sentidos podem perceber.

A Sagrada Escritura apresenta os anjos em praticamente todos os momentos importantes da História da Salvação. Eles guardam a entrada do Paraíso após o pecado original, acompanham Abraão, protegem o povo de Israel durante o Êxodo, fortalecem os profetas e auxiliam os justos.

No Novo Testamento, sua presença torna-se ainda mais intensa ao redor da pessoa de Jesus. São eles que anunciam o nascimento de João Batista, a Encarnação do Filho de Deus, o nascimento de Cristo em Belém, sua Ressurreição e sua Ascensão aos céus. Toda a vida de Jesus está cercada pela presença dos anjos, que aparecem sempre como servidores do plano divino.

2. A HIERARQUIA DOS ANJOS

A tradição cristã, inspirada na Sagrada Escritura e desenvolvida por teólogos como Santo Tomás de Aquino, fala de uma hierarquia angélica organizada em três grupos, cada um composto por três coros. Essa organização não significa diferença de dignidade diante de Deus, mas diversidade de missões no serviço à glória divina e ao plano da salvação. São Paulo menciona diversas ordens angélicas ao afirmar que em Cristo foram criadas todas as coisas, “nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis: Tronos, Dominações, Principados e Potestades” (Cl 1,16).

2.1 *Serafins, Querubins, Tronos*

A primeira hierarquia é formada pelos Serafins, Querubins e Tronos, os *coros mais próximos de Deus e mais diretamente voltados para sua contemplação*.

Os *Serafins*, cujo nome significa “ardentes”, representam o amor perfeito. O profeta Isaías os contempla diante do trono divino proclamando incessantemente: “Santo, Santo, Santo é o Senhor dos Exércitos” (Is 6,1-3). Segundo a tradição, distinguem-se pelo amor

ardente com que se unem a Deus e pela capacidade de comunicar esse amor aos demais coros.

Os *Querubins* simbolizam a plenitude da sabedoria e do conhecimento. São mencionados na guarda do Paraíso após o pecado original (Gn 3,24), na Arca da Aliança (Ex 25,18-22) e nas visões do profeta Ezequiel (Ez 10,1-22). Sua missão é contemplar os mistérios divinos e transmitir essa iluminação aos coros inferiores.

Já os *Tronos* manifestam a justiça e a soberania de Deus. São Paulo os cita entre as criaturas invisíveis criadas por Cristo (Cl 1,16). Representam a perfeita submissão à vontade divina e refletem a estabilidade e a justiça do governo de Deus sobre toda a criação.

2.2. Dominações, Virtudes, Potestades

A segunda hierarquia é composta pelas Dominações, Virtudes e Potestades, cuja missão *está ligada ao governo da criação*.

As *Dominações* recebem de Deus as orientações para a condução do universo e coordenam a atividade dos demais coros angélicos.

As *Virtudes* estão associadas à manifestação do poder divino na história, especialmente por meio dos milagres e das intervenções extraordinárias da Providência.

As *Potestades* exercem uma função de proteção, defendendo a ordem criada contra as forças do mal e preservando a harmonia estabelecida por Deus. Por isso, são frequentemente relacionadas ao combate espiritual e à manutenção da ordem querida pelo Criador.

2.3. Principados, Arcanjos e Anjos

A terceira hierarquia reúne os Principados, os Arcanjos e os Anjos, que atuam *mais diretamente junto à humanidade*.

Os *Principados* são encarregados dos povos e das nações. O livro de Daniel sugere essa missão ao mencionar o “príncipe do reino da Pérsia” e a intervenção de Miguel em favor do povo de Deus (Dn 10,13.20-21).

Os *Arcanjos* recebem missões de especial importância na história da salvação. A Escritura revela os nomes de Miguel (cf. Dn 10,13; Jd 9; Ap 12,7), Gabriel (cf. Dn 8,16; Lc 1,26-38) e Rafael (cf. Tb 12,15).

Miguel combate as forças do mal, Gabriel anuncia os grandes mistérios de Deus e Rafael acompanha e cura aqueles que caminham sob a Providência divina.

Por fim, os *Anjos* constituem o coro mais próximo dos homens. Aos Anjos pertence tradicionalmente a missão dos Anjos da Guarda. Jesus afirma: “Os seus anjos nos céus contemplam sem cessar a face de meu Pai” (Mt 18,10). A Carta aos Hebreus define sua missão como a de “espíritos encarregados de um ministério, enviados para servir aqueles que devem herdar a salvação” (Hb 1,14).

Assim, toda a hierarquia angélica participa de uma única missão: glorificar a Deus e colaborar na realização de seu plano de amor. Dos Serafins que contemplam a glória divina aos Anjos que acompanham cada fiel em sua peregrinação terrena, todos testemunham que “tudo foi criado por Ele e para Ele” (Cl 1,16).

3. OS SANTOS ARCANJOS

Entre todos os anjos, a Sagrada Escritura revela explicitamente o nome de apenas três. Por isso, somente três são oficialmente reconhecidos pela Igreja: Miguel, Gabriel e Rafael.

Miguel significa “*Quem como Deus?*”. O nome do Arcanjo Miguel é uma proclamação da soberania divina e uma resposta ao orgulho dos anjos rebeldes. A Bíblia o apresenta como defensor do povo de Deus e chefe da milícia celeste. No livro do Apocalipse, Miguel combate o Dragão, símbolo de Satanás, e manifesta a vitória definitiva de Deus sobre o mal. Por essa razão, a tradição cristã o invoca como protetor da Igreja e defensor dos fiéis nas lutas espirituais.

Gabriel significa “*Força de Deus*”. A missão do Arcanjo Gabriel está ligada aos grandes anúncios da história da salvação. Foi ele quem anunciou ao profeta Daniel a chegada dos tempos messiânicos, comunicou a Zacarias o nascimento de João Batista e, sobretudo, anunciou à Virgem Maria o mistério da Encarnação. Gabriel tornou-se, assim, o mensageiro por excelência da Boa Nova.

Rafael significa “*Deus cura*”. A missão do Arcanjo Rafael é narrada no Livro de Tobias. Disfarçado de viajante, acompanha Tobias em sua jornada, protege-o dos perigos, ajuda-o a constituir uma família e

devolve a visão a seu pai, Tobit. Rafael tornou-se símbolo da providência divina que acompanha discretamente seus filhos e é invocado como protetor dos viajantes, dos enfermos e das famílias.

Os três Arcanjos revelam diferentes aspectos da ação de Deus: Miguel protege, Gabriel anuncia e Rafael conduz e cura. Costumamos rezar assim, principalmente ao sair de casa cada dia:

São Gabriel com Maria,
São Rafael com Tobias,
São Miguel e todas as hierarquias,
conduzi-nos nestas vias.
Com o seu Divino Filho
Nos abençoe a Virgem Maria!

Gabriel cum Maria,
Raphael cum Tobia,
Michael cum omni caelesti hierarchia,
ducant nos in via.
Nos cum prole pia
benedicat Virgo Maria.

4. O ANJO DA GUARDA

Uma das expressões mais belas da Providência divina é a doutrina dos Anjos da Guarda. A Igreja ensina que cada pessoa recebe de Deus a assistência de um anjo que a acompanha durante toda a vida.

O próprio Jesus faz referência a essa realidade quando afirma que os anjos dos pequeninos contemplam continuamente a face do Pai celeste. Desde os primeiros séculos, os Padres da Igreja ensinaram que cada fiel possui um anjo encarregado de sua proteção espiritual.

O Catecismo resume essa tradição afirmando que a vida humana, desde a infância até a morte, é cercada pela proteção e intercessão dos anjos. O Anjo da Guarda não existe para eliminar todas as dificuldades da vida, mas para conduzir a pessoa à salvação. Ele inspira o bem, auxilia nas tentações, fortalece nas dificuldades e acompanha a alma em sua caminhada rumo à eternidade.

A devoção ao Anjo da Guarda é uma das mais antigas e queridas da espiritualidade cristã, pois manifesta a proximidade amorosa de Deus

para com cada pessoa. Quem não se lembra da Oração dirigida a Ele? “Santo Anjo do Senhor, meu zeloso guardador, se a ti me confiou a piedade divina, sempre me rege, me guarda, governa e ilumina. Amém!

5. A ORIGEM DOS DEMÔNIOS

Ao falar dos anjos, surge inevitavelmente a questão dos demônios. Se Deus criou tudo bom, de onde vieram os espíritos maus?

A fé cristã responde claramente: Deus não criou os demônios maus. Todos os anjos foram criados bons e destinados à felicidade eterna. Contudo, alguns deles fizeram mau uso da liberdade recebida e rebelaram-se contra Deus.

O Concílio IV de Latrão ensina que o diabo e os outros demônios foram criados naturalmente bons, mas tornaram-se maus por sua própria escolha. O mal não foi criado por Deus; nasceu da rejeição livre do bem.

Segundo a tradição cristã, o pecado dos anjos foi o orgulho. Alguns deles recusaram reconhecer sua dependência do Criador e desejaram colocar-se no centro. Essa escolha tornou-se definitiva e provocou sua separação de Deus.

Há uma expressão latina que se usa para falar da revolta dos Anjos. Ela é tomada da edição em latim da Vulgata (cf. Jr 2,20), quando o profeta Jeremias lamenta que o povo de Israel diga “Non serviam” (não servirei) para expressar uma recusa radical de Deus. Essa expressão é usada para indicar a rejeição consciente e radical de Deus, por analogia com a de Lúcifer. Desse modo, tais palavras passaram a ser atribuídas ao próprio Lúcifer.

Lúcifer é a figura mais conhecida entre os anjos decaídos. A Escritura o apresenta como adversário, acusador, serpente antiga e príncipe deste mundo. A Igreja ensina que ele é um ser pessoal e real, não uma simples metáfora do mal.

6. SATANÁS E O COMBATE ESPIRITUAL

A existência dos demônios não deve gerar medo nem superstição. A Igreja ensina que o poder de Satanás é limitado. Ele continua sendo apenas uma criatura e está submetido à soberania de Deus.

Os demônios podem tentar, enganar e seduzir, mas não podem destruir a liberdade humana nem impedir a ação da graça divina. A vitória definitiva pertence a Cristo, que venceu o pecado, a morte e o demônio por sua Cruz e Ressurreição.

Por isso, a vida cristã é compreendida como um combate espiritual. Não se trata de uma luta travada com nossas próprias forças, mas de uma participação na vitória já conquistada por Cristo.

As armas do cristão são a oração, a Palavra de Deus, os sacramentos, a Eucaristia, a Confissão frequente, a caridade e a confiança na proteção divina.

CONCLUSÃO

A doutrina sobre os anjos e os demônios ajuda-nos a compreender melhor a grandeza da criação e o drama da liberdade. Os anjos revelam a beleza da fidelidade a Deus. Os demônios recordam as consequências do orgulho e da rejeição do Criador.

Os Arcanjos Miguel, Gabriel e Rafael mostram que Deus continua protegendo, falando e acompanhando seu povo. Os Anjos da Guarda testemunham que ninguém caminha sozinho. E a derrota de Satanás recorda que o mal não possui a última palavra.

Acima de tudo, o estudo dos anjos conduz-nos a Cristo, Senhor de todas as coisas visíveis e invisíveis. Nele toda a criação encontra sua origem, sua ordem e sua finalidade. Como afirma São Paulo: “Porque nele foram criadas todas as coisas nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis. Tudo foi criado por Ele e para Ele” (Cl 1,16).

Prof. Dr. Pe. Marcelo Cervi